

O IMAGINÁRIO SOCIOLÓGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL: UMA ENTREVISTA COM SÉRGIO TAVOLARO

Antônio Cecílio Barboni Júnior¹

Evellyn Caroliny de Jesus²

Kaio Felipe³

Mateus Lôbo⁴

Sérgio Tavolaro é professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília (UnB). Possui graduação em ciências sociais, mestrado em sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e doutorado em sociologia pela New School for Social Research (Nova York, EUA). Entre 2019 e 2020, foi *Visiting Scholar* na Stanford University (EUA) com bolsa de Pós-doutorado no Exterior do CNPq. Dentre seus trabalhos estão publicações como: “Existe uma modernidade brasileira? Reflexões em torno de um dilema sociológico brasileiro” (2005); “Quando discursos e oportunidades políticas se encontram: para repensar a sociologia política da cidadania moderna” (2008), “A tese da singularidade brasileira revisitada: desafios teóricos contemporâneos” (2014) e “Interpretações do Brasil e a temporalidade moderna: do sentimento de descompasso à crítica epistemológica” (2021). Suas pesquisas circunscrevem os seguintes temas: pensamento social brasileiro, teoria

¹ Universidade de Brasília (UnB), Instituto de Ciências Sociais, Brasília – DF – Brasil. Mestre em Sociologia. barbonijunior@gmail.com Orcid: 0009-0002-4864-3518

² Universidade de Brasília (UnB), Instituto de Ciências Sociais, Brasília – DF – Brasil. Mestranda em Sociologia. evellynkaroliny66@gmail.com Orcid: 0009-0003-6228-3659

³ Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Rio de Janeiro – RJ – Brasil. Doutor em Sociologia e Mestre em Ciência Política. kaiofelipe@gmail.com Orcid: 0000-0002-1207-255X

⁴ Universidade de Brasília (UnB), Instituto de Ciências Sociais, Brasília – DF – Brasil. Doutorando em Sociologia e Mestre em Ciência Política. mateuslobo@yahoo.com.br Orcid: 0000-0003-4139-8046

O IMAGINÁRIO SOCIOLÓGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

sociológica, cidadania, sociedade civil, movimentos sociais e sociologia ambiental.

Mateus Lôbo: Como conversamos anteriormente, essa entrevista irá compor o dossiê “Pensamento Social no Brasil hoje” que estamos organizando na CSOnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais. Nós pensamos de imediato em convidá-lo porque o tema diz respeito ao pensamento social e queríamos entrevistar um intelectual da área, alguém que trabalhasse diretamente com esses temas.

Em primeiro lugar, gostaríamos de saber como o senhor vê a área de pensamento social e que falasse um pouco das suas pesquisas. Ao longo da sua carreira, o senhor tem tido passagens por instituições de ensino superior no Brasil e no exterior, sendo a mais recente a de *Visiting Scholar* na Universidade de Stanford (EUA). Por favor, conte-nos um pouco sobre sua trajetória acadêmica e sobre as proximidades e diferenças das universidades em que já esteve.

Sérgio Tavolaro: Eu fiz graduação em Ciências Sociais na primeira metade dos anos 1990, na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Eu me formei no que poderíamos considerar hoje a habilitação em sociologia, depois ingressei no mestrado em sociologia na mesma instituição, onde escrevi uma dissertação na área de Teoria Sociológica. Essa experiência deu vazão a um interesse que trago comigo até hoje, que diz respeito à preocupação em torno da problemática da modernidade pelo viés da sociologia.

Depois do mestrado, fui fazer o doutorado na New School for Social Research, a princípio com a ideia de dar continuidade às pesquisas do mestrado; porém, ao longo do doutorado as coisas mudaram um pouco: não abandonei o interesse pela temática da modernidade de um ponto de vista da teoria sociológica, mas cheguei à

O IMAGINÁRIO SOCIOLOGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

temática da construção da cidadania no Brasil. Foi um momento no qual eu me aproximei de leituras às quais já tinha sido introduzido na minha graduação, e elas diziam respeito ao Pensamento Social Brasileiro. Fiz uma disciplina na graduação sobre Pensamento Brasileiro, mas naquela ocasião, embora certamente muita coisa tenha me marcado, eu não pensava em prosseguir com essa temática de pesquisa. No doutorado, contudo, me aproximei mais dessa temática porque meu interesse sobre o imaginário sociológico da experiência da modernidade no Brasil me conduziu à leitura de algumas figuras bastante conhecidas do pensamento brasileiro, dentre as quais Caio Prado Jr., Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Fernando Henrique Cardoso, Octavio Ianni e Raymundo Faoro, além de proposições mais contemporâneas.

Quando retornei do doutorado, ingressei no departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia e lá comecei a dirigir minhas pesquisas para a temática do pensamento brasileiro. Comecei a fazer leituras mais concentradas nessa área, ainda sob o impacto da minha agenda de pesquisa no doutorado, mas depois as coisas foram ganhando essa direção do pensamento social. Eu nunca abandonei o interesse em Teoria Sociológica, talvez esse seja um aspecto que percorreu toda a minha formação.

Eu vim para o Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília em 2010, interessado de maneira mais enfática no Pensamento Brasileiro – mas, novamente, buscando explorar as interfaces entre Teoria Sociológica e Pensamento Brasileiro. A problemática da modernidade continua me acompanhando e a me interessar; porém, em decorrência da minha ênfase mais evidente em Pensamento Brasileiro, aqui em Brasília passei a oferecer com mais frequência disciplinas em sociologia brasileira, seja na graduação ou na pós-graduação. Meu escopo de leituras se ampliou, ao mesmo tempo em que vim me

O IMAGINÁRIO SOCIOLÓGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

atualizando no que diz respeito aos debates na Teoria Sociológica.

Evellyn Caroliny de Jesus: Pensando com o conceito de “Imaginação Sociológica”, de Wright Mills, de que modo a passagem pelas instituições em que o senhor estudou contribuiu para suas reflexões? Como surgiu o interesse pelo tema da modernidade e sua relação com o Pensamento Social no Brasil?

Sérgio Tavolaro: Eu realmente acho que nós trazemos conosco um pouco de todas as instituições pelas quais passamos. A experiência na Unicamp, enquanto graduando e mestrando, foram anos muito marcantes da minha formação; foi a minha primeira socialização no ambiente universitário. O ambiente intelectual na Unicamp era muito interessante, continua sendo, mas eu tenho mais propriedade para falar da época em que lá permaneci. Era um ambiente muito rico, muito interessante. Eu tive professoras e professores que se formaram em um momento muito intelectualmente rico da história universitária brasileira; eram pessoas de diferentes gerações – eu fui estudante do Otávio Ianni, por exemplo. É óbvio que eu, jovem estudante, talvez não conseguisse alcançar o que isso representava, mas, aos poucos, nós fomos nos dando conta do privilégio que era. Também fui estudante da Elide Rugai Bastos (fui apresentado às leituras de sociologia brasileira por ela), da Rachel Meneguello e da Evelina Dagnino. Eu tenho absoluta ciência de que esse ambiente intelectual foi muito importante para os meus interesses e para a minha compreensão do que é a experiência social brasileira.

Era um ambiente muito diverso em termos de seus interesses, mas um aspecto importante era a relevância que se atribuía à Teoria Sociológica. Dentre as pessoas que faziam parte do corpo docente, estavam Renato Ortiz, para quem a temática da modernidade era absolutamente cara. Na área de sociologia do trabalho, havia Ricardo Antunes, Edmundo Fernandes; na ciência

O IMAGINÁRIO SOCIOLOGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

política, Décio Saes – eram intelectuais muito prestigiados, muitos dos quais que tiveram uma trajetória marcada pela França, para onde haviam migrado por razões distintas. Já ao final da graduação, tive contato mais direto com o Josué Pereira da Silva, que havia feito mestrado na Unicamp e doutorado na New School. O Josué trouxe com ele uma série de leituras e preocupações com as quais ele tinha entrado em contato na época do doutorado dele. Isso foi bastante estimulante para nós que estávamos nos formando na graduação e cursando o mestrado quando ele de fato passou a dar aula, fazendo vários cursos, ainda antes de ser efetivado no concurso que ele realizaria. Dentre os interesses de Josué, estava a área de Teoria Sociológica, particularmente a Teoria Crítica.

São esses aspectos presentes na nossa passagem pelas instituições, uma combinação de inúmeras influências e interesses, de agendas de pesquisa dos nossos professores, que acabam se combinando com as nossas próprias experiências. Recobrando um pouco a memória, destaco a combinação desses inúmeros elementos, novamente, de um ambiente intelectual em que se respirava de fato muita Teoria Sociológica; de maneiras implícitas, mas também explícitas, em vários casos, a temática da Modernidade estava lá, e isso deixou uma marca muito forte em mim na época da minha graduação e mestrado. É difícil imaginar o desdobramento que os meus interesses de pesquisa, os desdobramentos que tudo isso teve, sem levar em consideração essa ambiência intelectual, essas influências de pesquisa dos então chamados “clássicos da sociologia”, assim denominados na época de maneira sem tanta problematização. A leitura desses personagens era muito apreciada; havia um cuidado especial na formação estudantil com essas leituras, mas também havia leituras mais recentes.

Eu me lembro de um curso de Teoria Sociológica que fiz na graduação com o Octavio Ianni (voltaria a fazer outro

O IMAGINÁRIO SOCIOLOGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

curso de Teoria com ele no mestrado), marcado por um rol bastante amplo e diverso de figuras que são, no mais das vezes, associadas à Teoria Sociológica. Isso inevitavelmente deixa uma marca forte na gente. Ao mesmo tempo, eu diria que era um ambiente muito progressista, muito crítico da realidade social, da vida social brasileira, latino-americana e mundial. Eu tive um contato mais sistemático com a Teoria Crítica no mestrado, mas previamente a isso nós já éramos apresentados às leituras da mesma. Tudo isso foi muito importante na definição das minhas agendas de pesquisa.

Kaio Felipe: Quais os autores – tanto aqueles com quem conviveu quanto os “clássicos” – que exerceram maior influência na sua formação? De que modo você chegou a esses autores?

Sérgio Tavolaro: Certamente aquilo que se chamava, de maneira não problematizada, de clássicos europeus foram frequentes na minha graduação e mestrado. O curso de Teoria Sociológica, por exemplo, que eu fiz com o Octávio Ianni no mestrado, versava justamente sobre as relações entre Marx e Weber; mas, realmente houve um momento em que fui profundamente impactado pela Teoria Crítica – a princípio, especialmente pela primeira geração da Escola de Frankfurt: Adorno, Horkheimer, Marcuse e Erich Fromm. A partir de um determinado momento, através do encontro com Josué Pereira da Silva, também fui impactado pela segunda geração da Escola de Frankfurt, com o maior destaque na figura do Habermas. O Josué voltou do doutorado na New School com interesse nas áreas de sociologia do trabalho e teoria sociológica, e trouxe esses interesses para a gente. Foi quando eu tive meu primeiro contato com a Teoria da Ação Comunicativa.

Na minha graduação, também tive contato com a obra do Antônio Gramsci, graças ao curso que eu fiz com a Evelina Dagnino, que dava um curso sobre movimentos

O IMAGINÁRIO SOCIOLOGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

sociais e, dentre as inúmeras leituras que ela trabalhava no curso, estava lá Gramsci. Este autor representou, para a minha turma, uma abertura de horizontes intelectuais bastante interessante para pensar uma série de questões que envolviam o marxismo. Eu fiz graduação na primeira metade dos anos 90 – posteriormente, portanto, à queda do muro de Berlim. 1989 foi um ano muito impactante para o debate marxista, uma série de dilemas estavam ali. Obviamente, críticas já vinham se avolumando a muito tempo, mas eu diria que 89 foi um ano muito importante no ambiente acadêmico brasileiro. Para quem tinha tradição no pensamento crítico, para além da própria Escola de Frankfurt, é óbvio que esses eventos representaram uma série de desafios. A leitura do Gramsci, como eu dizia, significou para a gente uma abertura de novos horizontes, uma descoberta muito interessante. Ali nós éramos chamados a pensar a relação entre Sociedade e Estado a partir de outros vieses, outros elementos, outros aspectos. O Gramsci, pela leitura da própria Evelina Dagnino, oferecia isso para a gente. A nossa apresentação à Teoria da Ação Comunicativa não fez outra coisa a não ser acentuar ainda mais esse debate, no sentido de renovação das nossas leituras, da nossa compreensão. Habermas indicava para nós a possibilidade de repensar os anseios emancipatórios da modernidade e a maneira como isso impactava a Teoria Sociológica. Para cada pessoa essa recepção se deu de um jeito, mas eu diria que sentia na minha turma um certo entusiasmo com a descoberta dessa bibliografia. Isso nos oferecia, inclusive, a possibilidade de reinterpretar o fenômeno dos movimentos sociais, que haviam sido tão importantes na sociologia brasileira e latino-americana e, a partir disso, repensar as próprias referências e parâmetros teóricos e conceituais da sociologia, das ciências sociais, de maneira geral, e da própria Teoria Sociológica. Essas foram leituras que me marcaram de uma maneira bastante especial, não só porque me ofereceram elementos para compreender o Brasil

O IMAGINÁRIO SOCIOLOGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

contemporâneo e a realidade latino-americana, mas também o mundo contemporâneo. Além disso, elas me auxiliaram a repensar a própria sociologia no momento em que eu era apresentado a ela.

Por um lado, eu testemunhei e acompanhei um conjunto de docentes e pesquisadores que desbravava a área de sociologia ambiental no Brasil, em função de pesquisas que eu participei, seja na iniciação científica, trabalhando em projetos de docentes, seja desenvolvendo minha própria pesquisa – e isso se reflete na minha própria dissertação de mestrado. Por outro lado, também testemunhei, enquanto estudante, o crescimento e aprofundamento do debate em torno da ideia de globalização. Duas pessoas que inicialmente se destacavam pelo interesse que elas passaram a dedicar a essa temática foram justamente Renato Ortiz e o próprio Octávio Ianni, que escreveu um livro, à época impactante, chamado *A Sociedade Global* (1992). De fato, esta foi uma temática que mobilizou muito Ortiz e Ianni e engajou o departamento e o corpo docente nessas discussões, o que, naquele momento, era uma espécie de redescoberta. Isso me possibilitou pensar a própria vida social no Brasil e a sociologia brasileira a partir de outros termos, perspectivas e elementos, pelas mãos de pessoas que eram tão prestigiadas à época e que tinham percorrido uma trajetória intelectual prévia ao engajamento maior da intelectualidade brasileira nessa temática. Então isso, de uma forma ou de outra, também nos impactou. A princípio, o Pensamento Social Brasileiro não era um tema que me engajava, mas a coisa estava ali. Não quero cair na ilusão biográfica, mas existe esse aspecto; a memória da gente é seletiva, ela busca aspectos sob a influência de interesses presentes, mas fato é que eu não havia me esquecido de vários desses personagens e algumas das preocupações que a gente tinha levantado. Fato é que eu, em um determinado momento, fui ao encontro dessas leituras, não como algo que me era absolutamente desconhecido, mas tendo já

O IMAGINÁRIO SOCIOLÓGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

algum tipo de referência. Foi uma busca que me vi fazendo.

Antônio Barboni: Além desses pontos que o senhor colocou, quais foram as outras inquietações que o levaram a associar esses dois temas? Para dialogar com alguns de seus textos mais citados, é possível pensar que existe uma característica específica da modernidade brasileira, algo que seria particular e identificável?

Sérgio Tavolaro: Essa é uma inquietação pessoal que se tornou cada vez mais evidente. Certamente tenho interesse pela sociedade brasileira, afinal de contas, eu nasci no Brasil, fui educado aqui, fui socializado e estudei a maior parte da minha vida nesse país. É óbvio que a vida social no Brasil é o cenário que mais me desperta interesse, no qual eu tenho mais engajamento. A partir de um determinado momento, passou a me inquietar a maneira como o pensamento sociológico enquadrava este objeto de estudo. Talvez minha primeira inquietação, pessoalmente a melhor definida, foi perceber como um olhar de fora, um olhar estrangeiro, concebia a vida social no Brasil. Eu não via algumas ferramentas cognitivas como as mais adequadas para se observar essa sociedade, essa vida social nos seus diferentes aspectos. Eu acho que essa minha inquietação se acentuou durante os meus anos de doutorado. A New School não era uma universidade que na época tinha um programa de estudos latino-americanos; havia uma forte presença de estudantes latino-americanos, mas no corpo docente permanente eu não me recordo de docentes latino-americanos. Havia pesquisadores e pesquisadoras que iam para a New School provenientes da América Latina para falar sobre a América Latina, mas fato é que no corpo docente permanente da instituição não havia – o que não significava que não se falasse sobre América Latina e não se falasse sobre Brasil. Havia, contudo, um estranhamento da minha parte; eu sentia que, em alguns aspectos, a minha experiência como brasileiro e estudante de

O IMAGINÁRIO SOCIOLÓGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

Ciências Sociais, se chocava com algumas imagens e expectativas a respeito do Brasil e da América Latina. Isso passou a me inquietar bastante e me incentivou a olhar criticamente, junto a minha tradição crítica que remonta à minha graduação, para a própria Teoria Sociológica. Buscava compreender os parâmetros através dos quais a sociologia – mais particularmente a sociologia brasileira – percebiam, enquadravam, estudavam e buscavam explicar a vida social no Brasil. Isso me conduziu, uma vez mais, à temática da modernidade, mas a partir de agora nesse viés, lidando com a modernidade como uma espécie de agenda de pesquisa muito cara à sociologia, mas também como uma espécie de parâmetro para se pensar diferentes cenários sociais contemporâneos, inclusive o cenário social brasileiro. Isso me incentivou a buscar justamente essas interlocuções, essas interfaces que me pareciam às vezes explícitas, mas às vezes implícitas, no sentido de pressupostos que não me pareciam necessariamente manifestados. Eu passei a me interessar por isso, em identificar esses pressupostos; daí o cruzamento, na minha agenda de reflexão, entre Teoria Sociológica, Pensamento Brasileiro e a temática da modernidade, que eu passei a perceber como um ideia não necessariamente explicitada, mas extremamente cara à imaginação sociológica a respeito da vida social no Brasil.

Mateus Lôbo: Tendo em vista sua produção em torno da interação entre Brasil e modernidade, há autores(as) ou mesmo linhagens teóricas do nosso pensamento social que fornecem alternativas à noções sociológicas consolidadas acerca da modernidade? Se existem, quais são?

Sérgio Tavolaro: Um exercício que eu gosto de fazer, como uma arqueologia do pensamento brasileiro, é voltar, o máximo que posso, para cenários intelectuais dessa constelação de ideias. Eu tenho como parâmetro a segunda metade do século XIX. Acho que a leitura de

O IMAGINÁRIO SOCIOLOGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

várias dessas obras, de lá para cá, o esforço que vários desses personagens fizeram com vistas a compreender a vida social no Brasil, por um lado eu encontro nelas fortes convergências em relação ao que eu chamo de discurso hegemônico da modernidade, mas ao mesmo tempo acho que é possível encontrar uma série de *insights*, seja para problematizar várias dessas ideias, seja para abrir o nosso escopo de possibilidades para se pensar a vida social no Brasil e a vida social contemporânea. Há figuras que, em suas obras, situadas do ponto de vista histórico, fornecem leituras contemporâneas que chegam a surpreender e impressionar por demonstrarem tamanha atualidade. Menciono aqui, por exemplo, Alberto Guerreiro Ramos: não é casual que esse seja um autor recentemente tão recuperado num esforço de, para usar uma terminologia cara a ele, “descolonização” do pensamento. Outro autor absolutamente interessante é Manuel Bonfim; a obra *A América Latina: Males de Origem* é impressionante. Citaria também Virgínia Leone Bicudo, cuja dissertação de mestrado foi recentemente publicada em livro. São leituras que, muitas vezes, tiveram pouca visibilidade, e à luz de preocupações contemporâneas nos surpreendemos com tamanha atualidade dessas reflexões. Em Luiz de Aguiar Costa Pinto há reflexões fascinantes, interessantíssimas, que mostram tamanha atualidade no pensamento desse autor. É claro, porém, que é sempre importante tomarmos cuidado com um certo presentismo, um anacronismo de projetar as preocupações e agendas do presente em obras que são situadas historicamente e que foram produzidas à luz de preocupações que lhes eram contemporâneas. Esse é um cuidado importante a se tomar; mas, é um fato, elas apresentam *insights* interessantíssimos.

Acho que há outros elementos que talvez não sejam tão explícitos assim e que, uma vez mais, se por um lado eles indicam fortes convergências com uma certa imaginação hegemônica da modernidade, por outro, apontam e sugerem caminhos alternativos, ideias

O IMAGINÁRIO SOCIOLOGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

alternativas, talvez pelo esforço de pensar uma vida social não hegemônica, não modelar. Talvez em função desse exercício, certos aspectos da experiência moderna amplamente considerados são repensados. Esse exercício, por si só, talvez tenha tido esses desdobramentos de pensar contra a norma, contra a hegemonia, contra ideias dominantes. Novamente, ficando bastante alerta para a questão do anacronismo, eu acho que isso é muito estimulante para um olhar contemporâneo. Nomeio um ou outro intérprete, mas pessoalmente prefiro trabalhar em uma perspectiva um pouco mais ampla, mas considerando as especificidades, pois há figuras com as suas idiossincrasias intelectuais. Há questões que são geracionais e conseguimos identificar isso; certos parâmetros epistemológicos que são muito fortes e importantes para determinadas gerações, para as seguintes não necessariamente têm a mesma relevância, e são abandonados, desconstruídos, criticados. Claro, existem aspectos que são idiossincráticos de determinados intérpretes e outros que são próprios a determinadas gerações, assim como existem aspectos que são próprios, para usar a terminologia do Gillo Marçal Brandão, de certas linhagens intelectuais, famílias, escolas de pensamento. Obviamente, um intelectual da chamada Escola Paulista de Sociologia tem uma certa identidade – mesmo que transgeracional, existe uma certa identidade ali que caracteriza uma determinada linhagem intelectual. Esse é um assunto que eu considero uma agenda intelectual extremamente rica pensar nessas distintas gerações, compará-las nas suas especificidades. Também gosto de me voltar para um escopo maior de intérpretes; me interessa identificar convergências entre uma certa maneira hegemônica de conceber o que é a vida moderna, a vida social no Brasil, mas também discernir *insights* interessantes para pensar contra a norma, contra o modelo, com o espírito de ampliar as nossas possibilidades de percepção da realidade. Isso é o que me move.

O IMAGINÁRIO SOCIOLOGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

Evellyn Caroliny de Jesus: Como o repertório teórico-metodológico dos autores clássicos de nosso Pensamento Social permite entender as questões do Brasil contemporâneo? Ou, perguntando de outro modo, qual a atualidade do Pensamento Social Brasileiro?

Sérgio Tavoraro: Essa é uma questão que eu sempre levo nos cursos que ofereço. Quando eu me reúno em uma turma, eu sempre penso em como levar essas leituras para pessoas que, porventura, tenham interesses e motivações tão diferentes. Eu acho que é meu papel como professor compreender essas diferentes motivações, buscar alcançá-las da melhor maneira possível e, obviamente, respeitá-las, com o propósito de estimular as pessoas a fazerem leituras. Esse é um exercício que está implicado na docência, assim como na divulgação do conhecimento que produzimos. Sempre me preocupo em estar atento ao que pode suscitar o interesse das pessoas, o que significa um exercício de exame, investigação, leitura, pesquisa dos chamados “clássicos” – o que quer que signifique essa terminologia hoje em dia, que sabemos ser muito problemática. Enfim, há uma infinidade de motivações para nos voltarmos àquilo que outrora era chamado de “clássicos do pensamento brasileiro”. Uma delas, certamente, é o que essas leituras podem nos trazer para a compreensão do presente. Que presente. Uma possibilidade é tomá-lo como o referente preferencial dessas formulações, que é a vida social, essa é uma possibilidade; por exemplo, há algo em *A América Latina: Males de Origem* que aprofunde a minha compreensão sobre a América Latina e/ou o Brasil presente? Uma outra possibilidade é, ao ler essas obras, buscar de que maneira elas nos ajudam a compreender certas formas contemporâneas de imaginar o que é a vida social brasileira; isto é, qual o peso dessas ideias no presente, na maneira como nós enxergamos, enquadramos, elegemos determinadas variáveis explicativas, e como explicar essa continuidade, para além do fato de que essas variáveis seriam as mais adequadas para explicar a realidade. Na

O IMAGINÁRIO SOCIOLOGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

verdade, existe um certo hábito de pensar, uma certa maneira de se conceber o que é essa realidade social, que certamente tem lastro na realidade, mas que também pode ser que tenha a ver com uma maneira de pensar que é tão enraizada que se prolonga no presente e conforma a nossa percepção do que é o Brasil, do que é o mundo. Essa é uma motivação minha: mais do que me voltar a essas obras com a expectativa de que elas me ajudariam a desvendar o que é a realidade brasileira, me preocupo em, a partir delas, identificar certas maneiras de pensar, certos conceitos, certos supostos que são tão robustos a ponto de terem atravessado gerações e se prolongado no presente. Essa é uma das minhas motivações nessa agenda de pesquisa.

Kaio Felipe: Com relação à questão dos autores esquecidos, o senhor poderia citar alguns intelectuais brasileiros que estão sendo redescobertos, mas que ainda precisam ser mais trabalhados pelas próximas gerações, pois trazem questões bastante atuais, que podem ter ficado de lado nas discussões sobre o pensamento social brasileiro?

Sérgio Tavolaro: Eu acho que essa é uma ótima pergunta porque é uma preocupação contemporânea muito forte na cena intelectual brasileira e no ambiente universitário, mas também para além da própria academia; ela tem relação com um espírito de ampliação dos nossos horizontes de compreensão. Eu acho que existe um sentimento muito difundido e capilarizado de que aquilo que nós tínhamos até então, os assim chamados “clássicos”, não bastam. Essa é uma preocupação muito forte para as gerações de vocês, muito presente, mas minha geração também se sensibilizou para isso. Citei aqui o Guerreiro Ramos porque embora sua relevância na cena intelectual brasileira do final dos anos 1950 e 1960 tenha sido prejudicada pelo fato de que ele teve que se exilar por razões políticas (e, com isso, se afastado da cena universitária brasileira), foi uma figura muito

O IMAGINÁRIO SOCIOLÓGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

importante. Esse afastamento teve um impacto sobre a constância de sua presença na formação da minha geração no estado de São Paulo. Essa retomada do Guerreiro Ramos, por si só, é um sinal das inúmeras e profundas transformações pelas quais passou a vida intelectual brasileira.

Há pouco mencionei a Virgínia Leone Bicudo, autora de uma dissertação, que até 2010 tinha uma possibilidade limitada de ampliação da sua circulação. Essa leitura descortina uma série de aspectos, inclusive, de jogos de forças da cena intelectual brasileira que nos faz pensar o motivo pelo qual essa obra não teve a visibilidade que ela certamente poderia ter. Outro exemplo interessante que também mencionei é o Manuel Bonfim, objeto de investigação de uma tese de doutorado produzida aqui no programa de pós-graduação da Universidade de Brasília, de Ronaldo Aguiar, chamada *O Rebelde Esquecido* – a qual, inclusive, foi premiada pela ANPOCS. É impressionante como as preocupações de Bonfim reverberam no presente ou coincidem com muitas preocupações atuais; obviamente, não é mera coincidência. Outros tantos autores, de uma maneira mais sistemática, passaram a frequentar mais os programas do curso de sociologia: Lélia Gonzalez (que dá nome ao laboratório no Departamento de Sociologia da UnB); Abdias do Nascimento; Clóvis Moura. São autores que não necessariamente os estudantes da minha geração conheciam ou tinham familiaridade e que são intérpretes do Brasil cujas obras têm ensejado mais interesse e que têm sido objeto mais frequente de reflexões. São leituras que, na minha avaliação, têm demonstrado um potencial de ajudar a renovar os nossos parâmetros analíticos, seja para se pensar a vida social brasileira, seja para se pensar a vida social contemporânea – o que rebate inevitavelmente sobre a Teoria Sociológica. Essas obras nos ajudam a avançar algo que eu entendo que é um anseio cada vez maior que é o de renovar a sociologia, renovar a imaginação sociológica: repensar os seus

O IMAGINÁRIO SOCIOLOGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

pressupostos, as suas ferramentas, os seus parâmetros, os seus métodos, as suas maneiras de produzir conhecimento, os seus próprios focos de atenção prioritários; além disso, questionar por que se dedicava mais atenção a certos assuntos e não a outros, quais são as implicações disso, e assim por diante. Óbvio que esse exercício está muito longe de se esgotar; isso está se ampliando e certamente as gerações mais novas que estão fazendo Ciências Sociais agora têm renovado o debate sociológico no Brasil – no meu modo de entender, não de maneira exclusiva, mas também graças ao interesse e a descoberta dessas novas obras, às novas perspectivas desses trabalhos que foram produzidos em momentos distintos e em instituições não-hegemônicas. Esse é um aspecto que considero importante e muito promissor.

Antônio Barboni: Quais convergências o senhor elencaria entre as preocupações típicas da área de Pensamento Social e as abordagens contemporâneas no seio da Teoria Sociológica acerca de temas como desigualdades materiais, as relações de gênero e injustiças raciais?

Sérgio Tavolaro: Do ponto de vista intelectual, eu não vejo grandes vantagens em esquecermos aquilo que já foi produzido. Fico atento a um certo “espontaneísmo”, que busca atribuir uma excessiva novidade ao presente, mas acaba esquecendo aquilo que alimentou essas preocupações. Essas temáticas são extremamente atuais, mas não acho que elas tenham sido de todo desconsideradas pelo pensamento clássico; é muito melhor ampliarmos o nosso escopo de leituras do que eliminar, excluir outras agendas de leitura – e, a partir dessa combinação, fazer algo que seja intelectualmente produtivo para nós. Eu acho que várias dessas temáticas são muito importantes no presente; a imaginação sociológica não necessariamente desconsiderou várias delas. Isso não significa que, naquelas leituras hegemônicas, nós encontramos tudo por que ansiamos;

O IMAGINÁRIO SOCIOLOGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

talvez no próprio esforço de compreensão de uma vida social não modelar, ou de alguns casos de experiências sociais e subjetivas não modelares, nós encontramos elementos que nos abram os olhos para temáticas que não necessariamente foram enfatizadas da maneira que poderiam ou que deveriam pelo pensamento clássico.

Nesse sentido, as leituras de intérpretes do Brasil, de figuras mais estabelecidas, podem ajudar; algumas dessas obras são polêmicas, mas ainda assim lidaram com uma vida social não modelar, que não era parâmetro para outras sociedades (e, ainda por cima, era uma sociedade que tomava outras como seus parâmetros). Além disso, são importantes as leituras de obras que vêm sendo descobertas, resgatadas ou colocadas no escopo de interesse das nossas investigações, e que se debruçaram justamente sobre experiências sociais contra-hegemônicas. Tais leituras nos ajudam a aguçar nossa percepção, a pensar em novas ferramentas e a chamar nossa atenção para determinados objetos e focos de pesquisa que não necessariamente foram tratados a contento no passado por outras gerações, as quais estavam muito preocupadas com problemas que eram próprios a elas.

Novamente, é preciso estar atento ao presentismo, ao anacronismo: as gerações que fazem ciências sociais hoje vivem determinadas coisas que não eram vivenciadas pelas gerações anteriores, de 20, 30, 40 anos atrás. É inevitável algum tipo de cobrança sobre leituras do passado, mas é importante ter ciência disso; há preocupações que são presentes e talvez não houvesse a possibilidade de elas terem a visibilidade que têm atualmente, até porque o ambiente universitário/acadêmico era outro. Certas críticas que foram feitas à formação de cientistas sociais no passado vêm se adensando, e temos essa vantagem em relação às gerações anteriores. Leituras de obras de diferentes gerações do pensamento brasileiro ajudam a sociologia

O IMAGINÁRIO SOCIOLÓGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

a aguçar sua sensibilidade para temáticas que talvez se insinuaram, mas não necessariamente foram abraçadas de maneira prioritária.

Mateus Lôbo: Voltando a um tema perene na sociologia brasileira, o que é o Brasil para o senhor?

Sérgio Tavolaro: Devido ao impacto que o debate sobre globalização teve sobre a minha geração, passamos a ver, do ponto de vista das ciências sociais, a experiência social no Brasil de uma maneira mais integrada no cenário mundial – seja do ponto de vista econômico, cultural, político ou mesmo intelectual, de nossa própria imaginação. Hoje inclusive, de uma maneira mais tranquila, percebemos a produção sociológica realizada no Brasil como sendo um referencial importante não apenas para pensar a sociedade brasileira (ou sociedades latino-americanas), mas para se pensar inúmeros aspectos da vida social contemporânea no mundo inteiro. Pode ser que essa percepção tenha muito a ver com as minhas próprias influências intelectuais, que remontam à ênfase que, num determinado momento, o debate sobre globalização e mundialização passou a ter. Ou seja, era uma questão de tratar a vida social no Brasil menos como uma experiência por demais singular, peculiar, específica e mais como integrada num cenário que é cada vez mais global.

Antônio Barboni: Há um outro pressuposto que você costuma colocar nos seus textos, que é uma crítica ao nacionalismo metodológico. É possível ainda falar de “Brasil” ou se vai necessariamente incorrer em uma ideia uniformizante, generalizante?

Sérgio Tavolaro: Como dizia W. I. Thomas, “Se as pessoas definem certas situações como reais, elas são reais em suas consequências”. Se elas se imaginam como sendo parte de uma sociedade que é dotada de características e predicados que lhe são específicos, isso tem um

O IMAGINÁRIO SOCIOLOGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

impacto sobre a própria experiência pessoal e coletiva delas – e, por si só, isso já é um objeto significativo para pensar essa vida social com algum destaque. Algo que eu fico atento o tempo todo no debate sociológico é o chamado nacionalismo metodológico, pois é um alerta importante para se evitar a armadilha epistemológica que é a excessiva particularização de experiências que são pensadas como sendo dotadas de características que são únicas, próprias a uma vida nacional. Reflito sistematicamente sobre isso; não estou satisfeito com esta ou aquela solução, mas é um cuidado a se ter quando se circunscreve o objeto de uma maneira tão específica, tão particularizada.

Mateus Lôbo: Como o senhor encara o papel das ciências sociais nesse Brasil globalizado?

Sérgio Tavolaro: As ciências sociais são absolutamente fundamentais para se compreender a vida social em suas diferentes instâncias a partir de certos parâmetros cognitivos que, no meu modo de entender, incentivam uma reflexão muito mais sistemática que outras perspectivas de conhecimento não necessariamente oferecem. Os cientistas sociais podem atuar em uma infinidade de áreas; as pessoas levam esse conhecimento para onde quer que elas direcionam a vida profissional delas.

Uma delas, mas não a única, é a atuação na academia, na vida universitária, ajudando a formar pessoas em diversas áreas do mercado de trabalho. Aqui na Universidade de Brasília, por exemplo, oferecemos um curso de Introdução à Sociologia semestralmente para mais de mil estudantes de diferentes cursos – e, com isso, diferentes campos da sociedade. Outras possíveis atuações dos cientistas sociais são: em instituições de pesquisa que se preocupam em conhecer diferentes aspectos da realidade brasileira; na burocracia pública, seja das máquinas administrativas federais, estaduais ou municipais; em institutos de opinião pública; fazendo

O IMAGINÁRIO SOCIOLOGICO E A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE NO BRASIL:

consultorias etc. As ciências sociais têm uma infinidade de possibilidades de inserção, e os cientistas levam consigo os conhecimentos que são produzidos, absorvidos e realizados durante a sua formação.

Evellyn Caroliny de Jesus: Para finalizar, o senhor poderia contar um pouco sobre seus atuais projetos de pesquisa?

Sérgio Tavolaro: Continuo muito interessado em conhecer e aprender sobre obras de interpretação do Brasil; há algumas faturas intelectuais que conheço pouco ou desconheço, e continuo muito motivado em investigar essa constelação intelectual. Também procuro explorar novas interlocuções entre essa produção e a Teoria Sociológica.

Além disso, ainda que de maneira menos sistemática, me interesse muito em me familiarizar com outras áreas que têm renovado a sociologia, e em larga medida elas têm se apresentado em função de novas questões sociais. Um exemplo delas é a revolução informacional, a qual ganhou relevância em debates recentes em torno da inteligência artificial, nos fazendo repensar sobre a própria experiência humana e social e isso tem impacto sobre o pensamento sociológico e sobre a maneira como pensamos o Brasil contemporâneo.

A sociologia não necessariamente se encontra bem equipada para refletir sobre esses novos fenômenos, mas justamente por isso ela é chamada a se reinventar, e isso rebate sobre a vida intelectual brasileira, sobre a nossa dinâmica na universidade, inevitavelmente informando nosso olhar sobre leituras do passado – e, portanto, sobre intérpretes do Brasil – à luz de questões e preocupações contemporâneas.